

## UMA NOVA ABORDAGEM NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA: O ENSINO DA RECOMPOSIÇÃO<sup>1</sup>

*Carlos Alexandre Gonçalves (UFRJ)*

[carlexandre@bol.com.br](mailto:carlexandre@bol.com.br)

*Daniel Araujo Conceição (IFRJ)*

[araujo.danielconceicao@gmail.com](mailto:araujo.danielconceicao@gmail.com)

*Felipe da Silva Vital (UFRJ)*

[felipe.vital02@hotmail.com](mailto:felipe.vital02@hotmail.com)

*Tiago Vieira de Souza (UFRJ)*

[tiagovsouza96@gmail.com](mailto:tiagovsouza96@gmail.com)

*Vitor de Moura Vivas (IFRJ)*

[vitorvivas@yahoo.com.br](mailto:vitorvivas@yahoo.com.br)

*Wallace Bezerra de Carvalho (UFRJ)*

[wallacebcarvalho@gmail.com](mailto:wallacebcarvalho@gmail.com)

### RESUMO

É fundamental que, no Ensino Médio, a língua portuguesa seja entendida como objeto de estudo em uma perspectiva mais científica. Nesse contexto, a recomposição como processo de formação um tópico importante a ser apresentado nas aulas, bem como nos livros didáticos. Apresentamos a recomposição como um processo de formação de palavras muito produtivo para a descrição da morfologia no Ensino Médio. Através desse processo, os alunos interagem, descrevem e fazem reflexão sobre dados que estão na sua rotina; isso gera uma aproximação e interesse dos estudantes no processo de ensino/aprendizagem. Descrevemos a recomposição sob uma perspectiva semântica e levando em conta também o nível textual. Desta maneira, apresentamos noções e conceitos encontrados em Livros didáticos; posteriormente, fazemos uma breve descrição do processo de recomposição (GONÇALVES, 2016). Por fim, temos como objetivo explicitar uma descrição possível do processo no Ensino Médio que seja coerente com a descrição feita em linguística, mas também compatível com a realidade nesse nível de ensino.

#### Palavras-chave:

Ensino. Recomposição. Morfologia

### 1. Introdução

Considerando que o ensino de Morfologia da Língua Portuguesa no ensino médio é embasado em um grande tradicionalismo; através deste artigo, buscamos propor um ensino diferenciado em que a língua portuguesa seja entendida como objeto de estudo em uma perspectiva mais

---

<sup>130</sup> Agradecemos ao IFRJ e ao CNPQ pelo apoio.

científica. Nesse contexto, a recomposição como processo de formação lexical é apresentada como um importante tópico a ser apresentado nas aulas, bem como nos livros didáticos, diferentemente do que a tradição faz. Em outras palavras, apresentamos a recomposição como um processo formativo capaz de refletir dados que façam parte da rotina dos estudantes, o que gera uma aproximação e interesse da parte dos mesmos no processo de aprendizagem.

Portanto, trabalhamos a recomposição sob uma perspectiva semântica e, baseados nisto, mostramos que há uma especialização semântica dos radicais neoclássicos (gregos e latinos) e estes adquirem novos usos (GONÇALVES, 2016). Outro aspecto que notamos ser importante no ensino de morfologia e, sobretudo, na recomposição, é o nível textual.

Desta maneira, na primeira seção do presente artigo, são apresentados, sucintamente, noções e conceitos encontrados em Livros didáticos. Na segunda seção, fazemos uma breve descrição do processo de recomposição sob a luz de Gonçalves (2016). Na terceira seção, apresentamos uma breve análise feita em livros didáticos. Na última seção, conclui-se chamando a atenção para a fuga do tradicionalismo e, desse modo, refutando a importância de se fazer ciência nas aulas de Língua Portuguesa.

## 2. *Breve descrição da Recomposição:*

Recomposição é um processo de formação de palavras que deve ser estudado e entendido como algo diferente da tradicional composição. Consideramos importante o ensino da recomposição após as aulas de composição, o que pode ser interessante para diferenciar ambos os processos e comentar, ainda, a existência de outro processo formativo: a composição neoclássica.

Faremos a descrição da recomposição à luz de Gonçalves (2011 a) e Gonçalves (2016). Tal processo de formação de novas palavras na língua portuguesa faz o uso de partículas com *petro-*, *eco-*, *homo-*, dentre outras. Essas partículas estão, em grande parte, associadas às formações características por uma linguagem tecnicista e erudita. Entretanto, alguns exemplos com tais partículas acabam por se afastarem dos chamados eruditismos; é o que pode ser visto nos exemplos apresentados em Gonçalves (2016: 94) a exemplo de *petrodólar*, *ecoturismo* e *homoafetivo*. Com base nesses exemplos, Gonçalves (2016), apesar de reconhecer tais partículas como afixoides (formativos que se situam entre a classe dos

radicais e a classe dos afixos), afirma que apresentam comportamento muito similar à categoria dos afixos, o que, para nós, representa uma boa evidência para falar de tais partículas em aulas do Ensino Médio, mesmo que não nomeando ‘afixoides’ para não confundir os alunos.

De acordo com Gonçalves (2016: 94) tem-se recomposição quando “parte de uma palavra complexa é encurtada e adquire novo significado especializado ao se adjungir sistematicamente a formas com livre-curso na língua”. Ainda de acordo com o autor, as formações recompostas caracterizam o que pode ser denominado de compactação (zipagem): um radical neoclássico adquire, “numa relação de metonímia formal, o significado do composto de que era constituinte e atualiza esse conteúdo especializado na combinação com novas palavras” (Gonçalves, 2011b: 19). Em resumo, a recomposição faz uso de radicais gregos e latinos que se especializam semanticamente e adquirem novos usos.

Voltemos aos exemplos citados até então, para que possamos entender esta definição. Desse modo, ao observarmos os exemplos em questão, vemos que estes apresentam significados diferentes do etimológico. Em outras palavras, *petro-*, *eco-*, *homo-* etimologicamente representam, respectivamente, noções de ‘pedra’; ‘casa’; ‘igual, semelhante’. No entanto, nos exemplos apresentados, tais formativos atualizam noções de ‘petróleo’, ‘ecologia’ e ‘homossexualismo’. Com isso, percebe-se que, na recomposição, têm-se partículas (afixoides) gregas ou latinas, que etimologicamente apresentam um sentido diferente da palavra recomposta. Ou seja, etimologicamente havia uma palavra complexa que, no processo de recomposição, é encurtada e acaba veiculando um novo sentido quando se junta à formas com livre-curso na língua (Gonçalves 2016: 94).

### **3. Revisão de livro didático**

De um modo geral, ao analisarmos livros didáticos como o de Cereja (2005) e Abaurre (2008), percebemos que, nas seções de morfologia / formação de palavras, os tópicos sempre abordados são composição, derivação e os chamados outros processos de formação de palavras que quase sempre são redução ou abreviação, siglagem, onomatopeia, empréstimos lexicais e neologismos. Desse modo, podemos dizer que a Tradição não aborda a recomposição nos livros didáticos. Em outras palavras, não há o ensino de recomposição nos livros didáticos.

Caso o professor queira levar esse tópico para a sala de aula, é preciso que se faça com uso de materiais extras preparados previamente. Evidência disso é que, nos livros, não há a nomenclatura de afixoide, já que os autores só apresentam a nomenclatura prefixo e sufixo; na composição, só falam da composição por justaposição e aglutinação, ou seja, não diferenciam composição de recomposição; não falam de eruditismo nos dados. Além disso, não abordam que os novos dados da recomposição se afastam do eruditismo, o que diferencia a recomposição da composição neoclássica (outro processo de formação de palavras que não é abordado nos livros didáticos). Nossa proposta é, portanto, mostrar a recomposição como um processo de formação de palavras nas aulas do Ensino Médio, mesmo que de forma sucinta; consideramos importante e relevante a abordagem deste assunto em sala de aula.

Em uma observação mais atenta ao livro de Abaurre (2008), encontramos um exercício proposto em que são usados radicais gregos e latinos. Sendo assim, é proposto que o aluno abra o anexo do livro para ter acesso à tabela dos radicais, porém, não se vê a abordagem do eruditismo que muitos dos radicais gregos e latinos podem estar associados. Nesse momento, acreditamos que se poderia abrir um *box* explicativo abordando sobre a recomposição e até mesmo a composição neoclássica. Não consideramos que seria preciso entrar muito a fundo nessas questões, mas é importante que o aluno entenda a existência de outros processos formativos de palavras, até mesmo porque a recomposição pode gerar um viés de curiosidade nos alunos ao comparar a exemplos muito recorrentes do cotidiano. Desse modo, ao abordar a semântica dos dados da recomposição, ficaria claro para o aluno a mudança de sentido que ocorre dos afixoides gregos e latinos para as novas formações com sentidos especializados.

Podemos exemplificar essa discussão pelo fato de que na tabela de radicais gregos em que os alunos devem consultar para execução do exercício em questão, é possível encontrar o formativo *-teca* que apresenta o sentido “onde se guarda”. No entanto, há exemplos de recomposição com a partícula *-teca*, como por exemplo “maridoteca” e “esmalteca” (Gonçalves 2016: 95). Sendo assim, acreditamos que, nesse momento, o professor e até mesmo o livro didático poderiam fazer um comentário sobre a recomposição, que apresenta um comportamento parecido com a composição, mas diferencia-se em critérios morfológicos e semânticos (ou seja, formativos neoclássicos que apresentam uma atualização de sentido).

#### 4. *Questões práticas, reflexões e comentários finais*

Ao propormos o ensino de recomposição nas aulas de Língua Portuguesa do Ensino Médio, estamos propondo uma fuga do tradicionalismo, já que, ao observarmos os livros e materiais didáticos, não encontramos essa temática sendo abordada. Consideramos relevante a abordagem do tópico logo após as aulas de composição, pois é possível discutir a recomposição sob uma comparação e diferenciação da composição tradicional, sendo possível, até mesmo, comentar e pincelar sobre a nomenclatura ‘composição neoclássica’, já que esta também utiliza partículas neoclássicas (gregas e latinas). A essa altura, os alunos conseguem se engajar nas aulas, sendo motivados a, então, encararem a língua como ciência.

Desse modo, no decorrer deste artigo, pensamos em uma definição simplificada do processo de recomposição que pode ser apresentada aos alunos. Ou seja, o processo pode ser construído com os próprios os alunos através da observação de dados. Pode-se pedir aos alunos que diferenciem os dados da composição (justaposição, aglutinação) da recomposição, por exemplo (deixando a tabela de radicais gregos e latinos a disposição dos estudantes). Após essa construção e investigação, o professor pode apresentar a definição da recomposição como “processo de formação de palavras que utiliza formativos gregos e latinos acarretando uma nova palavra que tem o sentido diferente do original neoclássico”.

Na sequência da abordagem da recomposição nas aulas de Ensino médio, o professor e alunos devem focar bastante no ‘critério semântico’ para concluir se, na palavra observada, o que está acontecendo é recomposição ou não. Isso porque os radicais latinos e gregos também fazem parte da composição neoclássica. Sendo assim, será recomposição se o radical apresentar um novo significado (significado diferente do etimológico, pois, se o significado etimológico permanecer, será composição neoclássica).

Com isso, o professor pode buscar, na internet, exemplos de textos presentes em diferentes gêneros textuais a fim de aliar o ensino de recomposição ao texto. Desse modo, o professor deve abordar questões interpretativas e semânticas inseridas no determinado gênero que ajudem os alunos a executarem o exercício proposto.

Abaixo, apresentamos três textos contendo diferentes exemplos de recomposição:

Texto 1:



Disponível em: < <http://pensandovoce.blogspot.com/2009/06/sensor-do-aerolula-sera-trocado.html>>

Texto 2:

“O que é Ecologia:

**Ecologia** é um ramo da Biologia que estuda as **relações entre os seres vivos e o meio ambiente onde vivem**, bem como a influência que cada um exerce sobre o outro.

A palavra “Ökologie” deriva da junção dos termos gregos “*oikos*”, que significa “casa” e “*logos*”, que significa “estudo”. Foi criada pelo cientista alemão Ernst Haeckel para designar a ciência que estuda as relações entre seres vivos e meio ambiente. A princípio um termo científico de uso restrito, caiu na linguagem comum nos anos 1960, com os movimentos de caráter ambientalista.” (Disponível em: <https://www.significados.com.br/ecologia/>)

Texto 3:



GESTÃO SUSTENTÁVEL

MEIO AMBIENTE

RESPONSABILIDADE SOCIOAMBIENTAL

RELATÓRIO ANUAL

## **Sustentabilidade**

O Grupo EcoRodovias tem o compromisso de promover iniciativas que contribuam com o desenvolvimento social, cultural e, principalmente, tenham foco na preservação do meio ambiente nas regiões em que atua e por meio dos diversos públicos de relacionamento.

Mantém em suas diretrizes o foco no desenvolvimento sustentável por meio de sua Visão e Missão, comportamento que está alinhado aos princípios de gestão e governança da Companhia.

Como reflexo dos esforços em manter padrões socioambientais de Qualidade, Meio Ambiente e de Saúde e Segurança, as concessões rodoviárias do Grupo possuem as certificações ISO 9001, ISO 14001 e OHSAS 18001.

A EcoRodovias faz parte do Índice de Sustentabilidade Empresarial (ISE) da BM&F Bovespa, desde 2011, e utiliza seus questionários como modelo de gestão, a fim de aprimorar suas práticas e inserir a sustentabilidade na rotina de suas atividades. A Companhia também responde ao CarbonDisclosureProgram (CDP), uma iniciativa promovida por investidores institucionais que consiste no envio de questionário de disclosure sobre governança climática para as maiores empresas de capital aberto do mundo com o objetivo de adequar as futuras decisões de investimentos à economia de baixo carbono, com transparência das informações. (Disponível em: <http://www.ecorodovias.com.br/sustentabilidade>)

Com o texto 1, o professor pode trabalhar o gênero charge, problematizar a ironia e crítica social embutida no texto, além de trabalhar com o dado aero-Lula em que se tem *aero-* atualizando o sentido de ‘avião’ e não mais de ‘ar’ como na origem grega. O trabalho a ser realizado com o texto 2 deve ser feito em conjunto com o texto 3, quando o professor tem a oportunidade de deixar os alunos diferenciarem os dados com *eco-*. Ou seja, os alunos terão um tempo para lerem os dois textos e perceberem que o formativo em questão, na origem grega, atualiza o sentido de “casa” e, nas novas formações como “ecorodovias”, atualiza o sentido de “ecologia”, “questões relacionadas ao meio ambiente”.

Desse modo, acreditamos ser possível a abordagem da recomposição nas aulas do 1º ano do Ensino Médio (no momento em que os outros processos de formação de palavras são apresentados aos alunos). Sendo assim, defendemos que os alunos se mostram motivados quando percebem a dinamicidade da língua, ou seja, é primordial que se apresen-

te aos alunos que os dados da recomposição estão no cotidiano dos mesmos. Com base nessa proposta, acreditamos ser relevante fugir do tradicionalismo quase sempre associado ao ensino da Língua Portuguesa. Portanto, defendemos que o fazer científico é essencial nas aulas de língua para gerar o envolvimento, engajamento e interesse dos alunos em relação ao tópico abordado em sala de aula. Aos professores, encorajamos a prática do ensino de tópicos que se mostram relevantes e indispensáveis, mas que, ao mesmo tempo, não estão sendo abordados nos livros didáticos. Acreditamos que, com muita força de vontade, pesquisas científicas, discussões construtivas com colegas da área e preparação de materiais didáticos extras, é possível enriquecer as nossas aulas de Língua Portuguesa no Ensino Médio.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ABAURRE, Maria Luiza M.; ABAURRE, Maria Bernadete M.; PONTARA, Marcela. *Português: contexto, interlocução e sentido*. 1. ed. São Paulo: Moderna, 2008.

BASSO, Renato Miguel; DE OLIVEIRA, Roberto Pires. Feynman, a linguística e a curiosidade, revisitado. In: *Matraga* – Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ, v. 19, n. 30, 2012.

BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.

CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. *Português: linguagens*. volume 1: Ensino Médio. 5. ed. São Paulo: Atual, 2005.

FRANCHI, Carlos *et al.* *Mas o que é mesmo 'gramática'?*. São Paulo: Parábola, 2006.

GONÇALVES, Carlos Alexandre. *Iniciação aos estudos morfológicos*. São Paulo: Contexto, 2011.

\_\_\_\_\_. *Atuais tendências em formação ação de palavras*. São Paulo: Contexto, 2016.

VIVAS, Vítor de Moura *et al.* Morfologia e Ensino: Novas abordagens voltadas para o Ensino Médio. In: GONÇALVES, C. A.; HIGINO DA SILVA, N. *Novos Horizontes da pesquisa em Morfologia*. Campinas: Pontes, v. 1, p. 147-79, 2017.

ROCHA LIMA. C. H. da. *Gramática normativa da língua portuguesa*.  
Rio de Janeiro: José Olympio, 1972.